

## **Do texto diferenciado ao hipertexto multimidiático: perspectivas para o jornalismo cultural**

**Geane Alzamora\***

### **Resumo**

No século XX o jornalismo cultural consolidou estilo próprio, freqüentemente associado ao experimentalismo e ao hibridismo de linguagens. A diversidade editorial se expande, hoje, por formatos como blogs, flogs, vlogs e podcasts. Na disciplina Jornalismo Cultural (PUC Minas) os estudantes são estimulados a investigar e a experimentar as práticas culturais contemporâneas, com base nas seguintes indagações: o que não é cultural no jornalismo? O que é jornalismo na cultura contemporânea?

### **Palavras-chave**

Jornalismo, cultura, contemporânea, linguagem, internet.

### **Dos folhetins à internet: breve histórico**

Quando se fala em jornalismo cultural, pelo menos duas questões demandam esclarecimento imediato: o que se entende por “cultura” e o que se entende por “jornalismo”. A rigor, todos os fatos noticiados são culturais, “afinal a cultura está em tudo, é de sua essência misturar assuntos e atravessar linguagens” (Piza, 2003, p. 7). Mas, a despeito das arbitrárias delimitações editoriais, nota-se que, desde os primórdios da atividade, assuntos “culturais” permeiam os jornais em rubrica própria, com base em abordagens e linguagens diferenciadas.

As raízes do experimentalismo e do hibridismo de linguagens, típicos do jornalismo cultural, relacionam-se, primeiramente, às sessões de variedades do século XVIII<sup>1</sup> e, posteriormente, aos folhetins do século XIX. Pode-se dizer que os folhetins representaram a expansão do espaço ocupado pelas seções de variedades no jornal.

Folhetim designava uma parte do jornal: o rodapé da primeira página, onde iam parar as “variedades”, as críticas literárias, as resenhas teatrais, junto com anúncios e receitas culinárias, e não raro com notícias que metiam a política em disfarce de literatura (Barbero, 2001, p. 183).

---

<sup>1</sup> A crítica de arte na imprensa, da qual Denis Diderot (1713-1784) é um relevante precursor, surgiu nessas seções.

O jornalismo literário, cujas origens remontam aos folhetins do século XIX, foi disseminado ao longo do século XX por publicações culturais<sup>2</sup> de prestígio internacional, como a revista norte-americana *The New Yorker*. “Foi ali que Lilian Ross, num perfil de Ernest Hemingway, em 1950, fundou esse gênero de jornalismo moderno e abriu caminho para as invenções do *New Journalism*” (Piza, 2003, p. 23).

A partir do século XX, o estilo marcadamente híbrido e experimental que caracteriza o jornalismo cultural desde seus primórdios, nos folhetins, fez-se notar também nas emergentes revistas de variedades, basicamente compostas de “ensaios, resenhas, críticas, reportagens, perfis e entrevistas, além da publicação de poemas” (Piza, 2003, p. 19). As revistas de variedades se diversificaram e inspiraram, mais tarde, as chamadas “revistas eletrônicas”, ou programas televisivos de variedades. Por outro lado, a influência televisiva no jornalismo cultural impresso resultou no entrelaçamento cada vez mais evidente entre informação jornalística e entretenimento. Como resultado, o debate de idéias, uma das marcas históricas do jornalismo cultural, perdeu espaço.

Essa tensão caracteriza o jornalismo cultural desde o século XIX, quando, segundo Tubau (1982), conformou-se uma dicotomia ainda hoje perceptível no jornalismo cultural: ao lado de uma tendência opinativa, relacionada à abordagem acadêmica e ensaística dos fatos culturais, observou-se o surgimento de outra tendência, não especializada e voltada para aspectos noticiosos dos fatos culturais. Com base nessa dicotomia surgiram, em meados do século XX, os cadernos diários de jornalismo cultural<sup>3</sup>, não especializados e noticiosos, e os cadernos semanais, predominantemente acadêmicos e ensaísticos. Posteriormente esses cadernos deram origem a diversos suplementos culturais, relacionados a recortes editoriais diversificados.

A noção de editoria circunscreve uma convenção social ditada pela área e refinada pelas diretrizes editoriais de cada jornal. Essa noção altera-se à medida que se modifica a dimensão cultural que lhe dá suporte. Prova disso é o adensamento gradativo das competências de cada editoria, explícito na tendência de proliferação de cadernos segmentados a partir dos anos 1980. Boa parte desses cadernos refere-se a áreas compatíveis com a abrangência temática das editorias de cultura, o que indica que essa área vem se expandindo e se hibridizando há algum tempo.

---

<sup>2</sup> As revistas de cultura têm, pelo menos, duas referências importantes: os *magazines* ingleses que, segundo Lopes (1987), se referem a um sentido mais seletivo de público, e as *review*, relacionadas a resenhas literárias.

<sup>3</sup> De acordo com Silva (1997), a reformulação gráfica do *Jornal do Brasil*, no fim dos anos 1950, introduziu no Brasil uma tendência emergente nos EUA de separar os assuntos culturais, até então confinados a suplementos semanais, em um caderno próprio. Esse caderno passou a ser conhecido como “segundo caderno” porque se refere ao primeiro conjunto de assuntos afins a se destacar diariamente do corpo principal do jornal.

A tendência de segmentação de assuntos, que resultou na “cadernalização” dos jornais e na alteração dos perfis temáticos de cada editoria a partir dos anos 1980, foi gradativamente expandida até que, nos anos 1990, o jornalismo cultural deparou com um leque tão amplo de assuntos que sua especificidade se tornou opaca.

Especialmente a partir dos anos 1990, alguns assuntos que pertencem obviamente ao universo cultural, embora não sejam exatamente linguagens artísticas ou intelectuais, ganharam mais e mais espaço nos cadernos culturais. (...) Tudo isso é, de certo modo, um ganho para o jornalismo cultural, pois abre suas fronteiras. Seu papel nunca foi apenas o de anunciar e comentar as obras lançadas nas sete artes, mas também o de refletir (sobre) o comportamento, os novos hábitos sociais, os contatos com a realidade político-econômica da qual a cultura é parte ao mesmo tempo integrante e autônoma (Piza, 2003, p. 57).

A partir dos anos 1990 o jornalismo cultural passou a se caracterizar menos pelo debate de idéias que pelo entretenimento e, em especial, pelo culto às celebridades. A perspectiva informativa tornou-se dominante, levando a certa padronização dos textos e das abordagens. Em um pensamento revelador do espírito jornalístico da época, Marcondes Filho argumenta que:

O jornalismo da nova era (...) não traz mais o conflito, a polêmica, a discussão, o choque de idéias. Sua função atual é harmonizar como a frequência modulada dos consultórios, mas sob a linguagem da inovação. O conflito transferiu-se para o choque entre grifes de moda, a polêmica entre artistas e críticos, entre figuras do mundo das telenovelas (Marcondes Filho, 2000, p. 63).

Mas, certamente, o que mais vivamente marcou o jornalismo cultural dessa década foi o modo como cada publicação lidou com o impacto sociocultural da internet. A mudança paradigmática, iniciada na segunda metade da década de 1990, deriva das transformações comunicacionais e culturais resultantes das emergentes interações sociotécnicas em rede.

Com a internet dá-se a proliferação de websites não jornalísticos de conteúdo cultural, que passam a cumprir função semelhante àquela desempenhada pelo jornalismo cultural ao longo do século XX. É o que se observa, por exemplo, em websites que divulgam gratuitamente a agenda cultural das

ciudades ([www.agendabh.com.br](http://www.agendabh.com.br))<sup>4</sup>, reúnem críticas cinematográficas produzidas por profissionais oriundos da mídia impressa e por cidadãos ([www.criticos.com.br](http://www.criticos.com.br))<sup>5</sup>, constituem bancos de dados sobre assuntos culturais do país, produzidos, editados e avaliados pela própria comunidade virtual que os configura ([www.overmundo.com.br](http://www.overmundo.com.br))<sup>6</sup> ou se caracterizam como revistas eletrônicas independentes ([www.digestivocultural.com.br](http://www.digestivocultural.com.br))<sup>7</sup>.

O desenvolvimento da internet 2.0<sup>8</sup> na primeira década dos anos 2000 impulsionou a disseminação de formatos colaborativos de informação, como blogs, flogs, vlogs e podcasts, além de ambientes de compartilhamento de informação, como o *YouTube*. A informação cultural passou, então, a circular intensamente por esses formatos emergentes<sup>9</sup>, que não apenas tensionam como também expandem as perspectivas editoriais e de linguagem do jornalismo cultural. Por causa disso as interações sociotécnicas contemporâneas e seus reflexos no jornalismo cultural tornaram-se o foco primordial da disciplina Jornalismo Cultural, oferecida no oitavo período do curso de jornalismo da Faculdade de Comunicações e Artes (FCA) da PUC Minas.

Com base em uma perspectiva histórica do jornalismo cultural, observada em suas diversas modalidades midiáticas, problematiza-se, nessa disciplina, a noção de cultura como recorte editorial, buscando compreender quais são as características culturais e de linguagem que conformam o jornalismo cultural hoje. Em uma perspectiva mais ampla, busca-se investigar e experimentar os formatos emergentes pelos quais as informações culturais transitam atualmente. Afinal, “é preciso que o jornalista cultural reveja os valores habituais e busque sintonizar-se com as reais tendências atuais, aquelas que se manifestam na prática e na vida cotidiana das pessoas” (Coelho, 2007, p. 26).

### **Outros jornalismo culturais: hibridismo e experimentação**

Mais que meramente compreender o percurso histórico do jornalismo cultural e investigar os gêneros textuais que o delineiam, a disciplina Jornalismo Cultural (FCA/PUC Minas) busca estimular a

---

<sup>4</sup> Desde 1998 o *Agenda BH* fornece informações sobre eventos e estabelecimentos culturais em Belo Horizonte, por meio de um sistema aberto de parceria. Segundo informações do próprio website, a visitação média é de 600 mil internautas/mês.

<sup>5</sup> Desde 2002 o website divulga críticas cinematográficas produzidas por um grupo de profissionais com vasta experiência no jornalismo impresso e, mais recentemente, também produzidas por leitores.

<sup>6</sup> Website colaborativo que disponibiliza informações e comentários sobre eventos culturais no país, baseado em um sistema de avaliação pelos pares denominado Overpontos.

<sup>7</sup> Desde 2000 o engenheiro Júlio Borges edita o *Digestivo Cultural*, que abriga colunistas, ensaístas e colaboradores. Segundo informações do próprio website, o espaço foi visitado por mais de 200 mil internautas em 2007, o que corresponde a cerca de 7 mil visitantes únicos/dia.

<sup>8</sup> Sobre o assunto ver, por exemplo, O'Reilly, 2006.

<sup>9</sup> Os blogs tornaram-se importante espaço de divulgação e compartilhamento de informações culturais. Em novembro de 2007 concorriam na categoria melhor blog de artes e cultura do Best Blogs Brasil os seguintes blogs: *Blog na TV*, *Obviu*, *Overmundo*, *Selva* e *Sedentário e Hiperativo*. Disponível em: <http://bestblogsbrasil.com/2007/node/17>. Acesso: 17 nov.2007.

capacidade crítica e criativa dos estudantes, como forma de instigar o aprimoramento constante da concepção social de jornalismo cultural.

Segundo Peirce, os significados das palavras crescem com o tempo. "(...) todo aumento de informação do homem é ao mesmo tempo o aumento de informação de uma palavra e vice-versa (Peirce, 1990, p. 308). Assim, o significado da palavra "jornalismo" se transforma à medida que a sociedade muda, o que nos leva à seguinte indagação: o que significa a noção de jornalismo cultural hoje, tendo em vista seu percurso histórico? O que significará amanhã?

Para Dominique Wolton, a comunicação contemporânea se diferencia pelos intercâmbios sociocomunicacionais relacionados à diversidade cultural, à coabitação das alteridades e ao encontro com o *outro*. Segundo o autor, essa situação pode, no limite, sacrificar a informação, dominante desde o século XVIII, em prol do heterogêneo trânsito sociocultural mediado pelas novas tecnologias, resultando em *incomunicação*.

Com o século XXI, o problema principal se torna a questão do outro. Como coabitar, isto é, como dar importância à sua existência, à sua identidade e à sua alteridade? Coabitar é o preço a pagar por um mundo menor, atravessado por técnicas sofisticadas, individualizadas, interativas, personalizadas. O outro está ali, visível, onipresente, mas muito diferente. E é aí que a comunicação reencontra a política, a democracia, o humanismo. Comunicar é descobrir o incomunicável, a alteridade radical e a obrigação de organizar a coabitação. (Wolton, 2006, p. 220)

O modo como o *outro* se torna visível por intermédio das interações sociotécnicas contemporâneas redimensiona o escopo do jornalismo cultural e, conseqüentemente, embaralha de vez as frágeis delimitações editoriais, que já vinham se hibridizando havia algum tempo. Por intermédio de formatos emergentes, a informação cultural se diversifica e se expande para além dos limites traçados pelas editoriais de cultura, ao longo do século XX. Em 2 de junho de 2006, por exemplo, o *Blog do Tas*<sup>10</sup>, referenciado pelo UOL como "Diversão e Arte", destacava o seguinte post: "Lula ofereceu a Quércia o lugar de vice em sua chapa de candidato a presidente". Em 23 de agosto de 2007, o mesmo blog trazia o seguinte post: "Vossas excelências são totalmente idiotas", uma crítica

---

<sup>10</sup> Blog do jornalista Marcelo Tas (<http://marcelotas.blog.uol.com.br/>). Acesso em 25 ago. 2007. Entre outras atividades na área de comunicação cultural, Tas participou da criação dos programas *Vitrine* (TV Cultura) e *Brasil Legal* (Rede Globo).

aos argumentos apresentados pelos advogados dos políticos brasileiros acusados de envolvimento no episódio do mensalão<sup>11</sup>.

O que esses exemplos demonstram é que as delimitações editoriais não se sustentam na blogosfera, nem mesmo quando se trata de blogs produzidos por uma redação jornalística. Os blogs, assim, não apenas se tornam objeto de interesse temático para o jornalismo cultural, como também se apresentam como formato alternativo – e, não raro, complementar – para o desenvolvimento do jornalismo cultural contemporâneo. Nessa perspectiva, participam das transformações editoriais e de linguagem que conformam a área atualmente.

Na mesma linha de raciocínio, o blog do presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, provoca interrogações no âmbito das especificidades editoriais do jornalismo cultural hoje. Em que medida o diálogo virtual entre uma mãe norte-americana e o presidente do Irã<sup>12</sup> se configura como um tema de interesse para o jornalismo cultural? A resposta, talvez, possa estar na concepção de cultura que predomina na contemporaneidade. Uma boa definição é dada por Michel Serres, para quem a cultura é o caminho que vai do porco à ópera e vice-versa, ou seja, para ele não é considerado culto o ser humano que ostenta gostos artísticos sofisticados mas desconhece o sentido antropológico do termo, assim como não o é o antropólogo que não entende de arte.

Mas, se tentarmos defini-la verdadeiramente, a cultura designa, a meu ver, duas coisas: de um lado, ela se caracteriza pelo processo de aculturação, isto é, a “viagem” que permite, a partir das vizinhanças, reencontrar o outro. De outro lado, a cultura está erigida sobre uma singular decisão do indivíduo, pois ele decide: não, eu não pertencço a essa cultura ali. Vivemos uma considerável transformação do sujeito cognitivo, da ciência objetiva e da cultura coletiva. É essa transformação que me faz lastimar, de verdade, não ter mais 18 anos! (Serres, 2001, p. 8)

Com base nessa perspectiva sociocultural, os estudantes matriculados na disciplina Jornalismo Cultural da PUC Minas são estimulados a buscar, entre os acontecimentos do cotidiano, aqueles que melhor retratem a diversidade cultural contemporânea, em suas mais diversificadas facetas: comportamento, artes, entretenimento etc. Para além da agenda cultural da cidade, os estudantes

---

<sup>11</sup> Relativo a denúncias de compra de votos no Congresso Nacional, que resultou em grave crise no Partido dos Trabalhadores, fundado pelo presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva.

<sup>12</sup> Em 16 de março de 2007, o blog do presidente do Irã, acessível em persa, árabe, inglês e francês, apresentava a resposta do presidente Mahmoud Ahmadinejad à mensagem de uma mãe norte-americana, cujo filho foi enviado para o Iraque. Ela se dizia insatisfeita com a política externa do presidente Bush e implorava para o Irã não atacar os Estados Unidos. Em resposta, Ahmadinejad dizia defender o respeito a todos os povos, inclusive os norte-americanos, e que torcia pela definição diplomática do conflito. Disponível em: <http://www.ahmadinejad.ir/> Acesso: 12 jun. 2007.

são convidados a procurar acontecimentos socioculturais significativos, porém pouco retratados na mídia cultural institucionalizada.

O recorte editorial proposto funda-se na idéia de *Cidades Invisíveis*, nitidamente inspirado no livro homônimo de Italo Calvino, para quem “de uma cidade não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas” (Calvino, 2002, p. 44). Perseguindo o lastro de imbricamentos entre linguagens jornalísticas e literárias que permeia a trajetória do jornalismo cultural desde os folhetins, os estudantes partem da leitura desse livro para pensar a cidade de Belo Horizonte em seus aspectos socioculturais locais e globais. Nesse sentido, interessa não apenas a dimensão geográfica da cidade, como também os trânsitos informacionais que a atravessam por intermédio dos dispositivos contemporâneos de comunicação.

A idéia é, sobretudo, observar os acontecimentos e ouvir atentamente seus relatos, pois, conforme nos aconselha Walter Benjamin, “a experiência que anda de boca em boca é a fonte onde beberam todos os narradores” (Benjamin, 1994, p. 58). Segundo Benjamin, o narrador é aquele que simultaneamente conta o que vem de longe e aquele que conta as histórias e tradições de sua terra. Mas a arte de narrar, para Benjamin, foi prejudicada pela informação jornalística, que dispensa a troca de experiência em prol da explicação plausível, que atrai a audiência.

A informação coloca a exigência de pronta verificabilidade. O que nela adquire primazia é o fato de ser “inteligível por si mesma”. Frequentemente ela não é mais exata do que fora a notícia de séculos precedentes. Mas ao passo que esta gostava de recorrer ao milagre, é indispensável à informação que soe plausível. Com isso ela mostra ser incompatível com o espírito da narrativa (...) Cada manhã nos informa sobre as novidades do universo. No entanto, somos pobres em histórias notáveis. Isso ocorre porque não chega até nós nenhum fato que já não esteja impregnado de explicações. Em outras palavras: quase mais nada do que acontece beneficia a narrativa, tudo reverte em proveito da informação. (...) O extraordinário, o maravilhoso, é narrado com a máxima precisão, mas o contexto psicológico do acontecimento não é impingido ao leitor. (Benjamin, 1994, p. 61)

A forma de narrar o acontecimento singular captado em pauta é, portanto, outro desafio proposto aos estudantes da disciplina Jornalismo Cultural da PUC Minas. Em sintonia com a investigação dos intercâmbios contemporâneos de informação e os formatos emergentes que lhe são peculiares, a

narrativa jornalística é problematizada em cada reportagem, sendo esse registro efetuado no blog da disciplina<sup>13</sup>, um espaço simultâneo de registro do produto e do processo da produção.

Uma vez que as reportagens se encontram no ambiente hipermidiático de comunicação, deve-se pensá-las conforme os recursos de linguagem do meio. Por causa disso as reportagens são hipertextuais e multimidiáticas<sup>14</sup>, sendo o planejamento editorial desses recursos parte fundamental do processo de avaliação.

Após serem postadas e antes de serem avaliadas pela professora, as reportagens são avaliadas pelos estudantes, que elegem a melhor do semestre. As pontuações obtidas pelas reportagens, nesse sistema de avaliação pelos pares, são registradas no blog, no link Destaques. Essa estratégia pedagógica funciona como um incentivo para maior dedicação de todos ao trabalho proposto, assim como contribui para o processo de aprendizagem, pois todos discutem as estratégias editoriais e de linguagem dos colegas. Além disso, a produção de um semestre torna-se ponto de partida para o semestre posterior, no qual os estudantes discutem a produção registrada no blog antes de iniciarem suas próprias reportagens.

Estratégia semelhante é adotada nos exercícios de crítica cinematográfica e de perfil. A diferença é que a reportagem é realizada em grupos, enquanto crítica e perfil são exercícios textuais produzidos individualmente. Reportagens, críticas e perfis, disponibilizados no blog da disciplina, correspondem, respectivamente, à avaliação de cada uma das três unidades temáticas. Em cada unidade, os exercícios resultam da combinação dos seguintes métodos didáticos: aulas expositivas, análises comparativas de produtos midiáticos e hipermidiáticos, seminários de discussão da bibliografia indicada para a unidade temática.

Um desdobramento interessante dessa estratégia pedagógica, fundada na avaliação coletiva/visibilidade constante da produção registrada no blog, é que alguns estudantes tomam a iniciativa de divulgar os textos produzidos para a disciplina nos formatos emergentes investigados ao longo do curso. A crítica cinematográfica produzida na disciplina pelo estudante Guilherme Ávila, por exemplo, foi publicada no *Overmundo*<sup>15</sup>. Outro desdobramento interessante é que alguns

---

<sup>13</sup> Disponível em: <http://www.jncultural.blogspot.com/>. Acesso em 25 ago. 2007.

<sup>14</sup> A concepção multimidiática da reportagem permite várias possibilidades de experimentação de linguagem, como situações nas quais os estudantes produzem vídeos ensaísticos ou entregam a câmera para os próprios entrevistados. A combinação de recursos multimidiáticos é experimentada hipertextualmente, resultando, por exemplo, em processos de aprendizagem sobre a função semântica do link no webjornalismo.

<sup>15</sup> Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/oscar-niemeyer-a-vida-e-um-sopro>, publicada em 13 maio 2007.

estudantes acompanham o blog, inclusive postando comentários, mesmo após o término do semestre letivo.

### **Investigações expandidas: resultados afins**

A proposta pedagógica que delinea a disciplina Jornalismo Cultural da FCA/PUC Minas fundamenta-se na experiência previamente adquirida com o projeto Jornalismo Culturais na Rede ([www.fca.pucminas.br/jnc](http://www.fca.pucminas.br/jnc)), que investigou paradigmas de circulação de informação cultural na internet entre 2002 e 2004<sup>16</sup>. A pesquisa, financiada pela PUC Minas e pela Uni-BH, contou com a participação de oito professores, 12 estudantes bolsistas e diversos estudantes voluntários, além de vários pesquisadores do assunto no país e no exterior, por meio de uma comunidade virtual que se formou em torno do projeto<sup>17</sup>. Resultados dessa pesquisa foram divulgados em forma de palestras, artigos científicos<sup>18</sup> e, por fim, sistematizados na coletânea *Cultura em Fluxo – Novas Mediações em Rede*<sup>19</sup>.

Os objetivos centrais do projeto eram: a) discutir modos possíveis de produzir conhecimento pela internet, tendo por fundamento a idéia de pesquisa colaborativa em rede; b) identificar como se conformam os paradigmas de circulação de informação cultural na internet; c) avaliar, junto com a comunidade virtual que delinea o projeto, as bases conceituais para o desenvolvimento de um possível webjornalismo cultural.

Com base nesses objetivos, a pesquisa tornou-se ponto de partida para pensar coletivamente as características e tendências do jornalismo cultural. Os resultados alcançados nos permitem concluir que a pesquisa em rede pode ser uma maneira eficaz de pensar o aperfeiçoamento do professor na cadeira de Jornalismo Cultural, assim como a formação do estudante na área.

---

<sup>16</sup>Esse projeto, coordenado pelos professores Carlos Henrique Falci e Geane Alzamora, entre 2002 e 2004, é parte da metodologia da pesquisa de doutorado Comunicação e Cultura na Internet – em Busca de Outros Jornalismo Culturais, de Geane Alzamora, sob orientação da professora doutora Maria Lúcia Santaella (PUC/SP) e do professor doutor Winfried Nöth (UniKassel/Alemanha). A pesquisa foi agraciada com o Prêmio Freitas Nobre, em 2006, concedido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) à melhor tese de doutorado na área.

<sup>17</sup> Destaca-se a participação constante de pesquisadores oriundos das universidades UFBA, USP, PUC/SP, PUC Minas e Universidade da Beira Interior (Portugal).

<sup>18</sup> Ver, por exemplo: ALZAMORA, Geane; FALCI, Carlos. Jornalismo culturais na rede: uma experiência de pesquisa compartilhada na web. In: *Galáxia – Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*. São Paulo: Educ, n. 6, abril 2004.

<sup>19</sup> BRASIL, André et al (Orgs.). *Cultura em fluxo – novas mediações em rede*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

Nesse aspecto, ressalta-se que o projeto criou um ambiente favorável à pesquisa sobre o tema na FCA/PUC Minas, resultando no desenvolvimento de algumas monografias de conclusão de curso<sup>20</sup>. Entre elas, destaca-se Informações Culturais na Internet – Possibilidades para o Webjornalismo Cultural<sup>21</sup>, que foi apresentada no Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom Júnior), em 2007.

Outra monografia de conclusão de curso, Jornalismo Literário – Das Páginas do Impresso à Hipermídia<sup>22</sup>, resultou na experimentação de linguagem Cidade Invisível<sup>23</sup>, denominação inspirada no recorte editorial proposto pela disciplina Jornalismo Cultural. O experimento é acessível pelo blog da disciplina.

### **Considerações finais**

Na mídia de massa os acontecimentos culturais investem-se de interesse jornalístico somente quando se coadunam com as diretrizes editoriais de cada publicação. A definição sobre o que é ou não assunto para a editoria de cultura e a linguagem mais adequada para abordar o assunto são, portanto, bastante flexíveis. Cada jornal e cada editoria deliberam sobre essas questões conforme a tendência jornalística que impera em cada contexto sociopolítico e conforme as intenções comunicativas de cada empresa jornalística.

Desse modo, embora os processos culturais se desdobrem para além dos limites impostos pelas editorias de cultura, é inegável que o jornalismo cultural tem sido, desde o Iluminismo, referência importante na construção de certa concepção social da cultura. Especialmente durante o século XX, quando o jornalismo cultural revelou-se indispensável para balizar a relevância social dos acontecimentos culturais.

---

<sup>20</sup> Encontra-se em desenvolvimento a pesquisa de conclusão de curso Uma Experiência de Mediação Cultural na Blogosfera à Luz da Diversidade Cultural Observada em Blogs de Cultura, realizada pelos estudantes de jornalismo Carlos Andrei Assis Siquara, Flávia Denise Pires de Magalhães, Gustavo Freitas Andrade, Juliana Rocha Gomes Semedo, Marcelo Augusto Santiago, Washington Magalhães, sob orientação da professora Geane Alzamora (FCA/PUC Minas).

<sup>21</sup> Pesquisa de conclusão de curso desenvolvida pelas estudantes Amanda Gallo, Ana Paula Pimentel, Camila Martucheli, Mariana Barcelos e Raquel Araújo, sob orientação da professora Geane Alzamora e supervisão do professor Márcio Serelle (Comunicação Social/Jornalismo da FCA/PUC Minas, 2006).

<sup>22</sup> Pesquisa de conclusão de curso desenvolvida pelos estudantes Gabriel Senna, Leandro Maia, Maria Cristina Rielle, Pedro Henrique Martins, Sidney Gomes, Tatiana Perry e Thiago Nogueira, sob orientação da professora Geane Alzamora e supervisão dos professores Márcio Serelle e Carlos Henrique Falci (Comunicação Social/Jornalismo da FCA/PUC Minas, 2007).

<sup>23</sup> Destacam-se, nesse experimento, a concepção multimidiática e a interface gráfica, para a qual muito contribuiu a professora Carmem Borges. Disponível em: <http://www.fca.pucminas.br/saogabriel/cidadeinvisivel/index.html>. Acesso em 25 ago. 2007.

A comunicação de massa, que caracterizou o jornalismo cultural ao longo do século XX, pode ser entendida como “a produção institucionalizada e a difusão generalizada de bens simbólicos através da transmissão e do armazenamento da informação/comunicação” (Thompson, 2000, p. 288). Assim, ao mesmo tempo em que informa, o jornalismo cultural forma certa opinião social sobre os acontecimentos culturais – ou, pelo menos, sobre aquilo que a editoria de cultura diz que é cultura. “Cultura es todo, cultura es cualquier cosa (...). Cultura será aquello que la prensa considere como tal” (Tubau, 1982, p. 11).

Explicitamente fundados em determinadas concepções de cultura, os processos de mediação social que conformam o jornalismo cultural nos meios de massa ressaltam alguns acontecimentos em detrimento de muitos outros. Com a internet, porém, altera-se a relevância social da função mediadora dos jornalistas consagrada pelos *mass media* porque, na rede, qualquer receptor, inclusive o próprio meio, pode eventualmente se colocar no lugar de emissor. Para Vaz (2000, p. 13), no contexto da internet, “o mediador será aquele que não apenas facilita as expressões individuais, mas também permite a cada um encontrar seu público”. Portanto, do ponto de vista da mediação social, a internet altera as bases conceituais sobre as quais as informações culturais tradicionalmente circulam e são legitimadas socialmente.

Na disciplina Jornalismo Cultural (FCA/PUC Minas) discutem-se não apenas as especificidades editoriais e de linguagem do jornalismo cultural, com base em uma perspectiva histórica da atividade, como também o lugar do jornalismo cultural nos processos contemporâneos de mediação social. Para além do jornalismo de massa, interessa, nessa disciplina, investigar e experimentar os formatos emergentes de informação, por meio dos quais se conforma boa parte das mediações culturais contemporâneas. Desconsiderar essas contribuições corresponderia a produzir um aprendizado anacrônico e pouco criativo, pois, como nos ensina Manoel de Barros (1993, p. 87), “é nos desvios que se encontram as melhores surpresas e os arituncs maduros”.

Bastante interessada nos “desvios”, nas “surpresas” e nos “ariticuns maduros”, a proposta pedagógica da disciplina prioriza abordagens culturais pouco visíveis na mídia tradicional, assim como incentiva experimentações de linguagem que levem em conta os trânsitos contemporâneos de informação cultural.

## **Referências bibliográficas**

- ALZAMORA, Geane; FALCI, Carlos. Jornalismo cultural na rede: uma experiência de pesquisa compartilhada na web. In: *Galáxia – Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*. São Paulo: Educ, n. 6, abril 2004.
- ALZAMORA, Geane. Comunicação e cultura na internet – em busca de outros jornalismo culturais. Tese de doutorado. Biblioteca da PUC/SP, 2005.
- BARBERO, Martins Jesús. *Dos meios às mediações – comunicação, cultura, hegemonia*. Tradução Ronaldo Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- BARROS, Manoel. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- BENJAMIN, Walter. O narrador – observações sobre a obra de Nikolai Leskow. In: *Obras escolhidas de Walter Benjamin*. Vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BRASIL, André et al (Orgs.). *Cultura em fluxo – novas mediações em rede*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.
- CALVINO, Italo. *Cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- COELHO, Teixeira. Outros olhares. In: *Rumos (do) jornalismo cultural*. São Paulo: Summus: Itaú Cultural, 2007.
- LOPES, Victor. *Iniciação ao jornalismo*. Lisboa: Dinalivro, 1987.
- O'REILLY, Tim (2006). *O que é web 2.0 – Padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software*. Disponível em: <http://pressdelete.files.wordpress.com/2006/12/o-que-e-web-20.pdf>. Acesso em 26 maio 2007.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo – a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000.
- PEIRCE, Charles. *Semiótica*. Tradução J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- PIZA, Daniel. *Jornalismo cultural*. São Paulo: Contexto, 2003.
- SERRES, Michel. A comunicação contra a cultura – entre a Disneylândia e os ayatolás. Disponível em: [http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu\\_n8\\_Serres.pdf](http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n8_Serres.pdf). Acesso em 25 ago. 2007.
- SILVA, Wilsa Carla Freire. *Cultura em pauta – um estudo sobre o jornalismo cultural*. Dissertação de mestrado. Biblioteca da ECA/USP, 1997.
- THOMPSON, John. *Ideologia e cultura moderna – teoria social na era dos meios de comunicação de massa*. Tradução Carmen Grisci et al. Petrópolis: Vozes, 2000.
- TUBAU, Ivan. *Teoria y practica del periodismo cultural*. Barcelona: ATE, 1982.
- VAZ, Paulo. *Mediação e tecnologia*. Disponível em: [www.intercom.org/papers/indexbp.html](http://www.intercom.org/papers/indexbp.html). 2001. Acesso em 16 dez. 2003.
- WOLTON, Dominique. *É preciso salvar a comunicação*. São Paulo: Paulus, 2006.

\* **Geane Alzamora** é doutora em comunicação e semiótica (PUC/SP/Brasil e UniKassel/Alemanha), com a pesquisa Comunicação e Cultura na Internet – em Busca de Outros Jornalisimos Culturais (Prêmio Freitas Nobre/Intercom 2006). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social – Interações Midiáticas e do curso de graduação em comunicação social da PUC Minas, onde leciona a disciplina Jornalismo Cultural. Atualmente também coordena o grupo de pesquisa Comunicação e Redes Hipermediáticas (CNPq).